

ARQUIVO REC008

Entrevistado: Vão ver da onde começa a história, né?

Entrevistador: Então... o senhor começa de onde o senhor achar que é... melhor... ..

Entrevistado: Olha, é tão complexo isso, tão difícil isso tudo. É uma misturada de coisa, a gente tem que pegar uma coisa mais... .. com mais segurança também, né?

Entrevistador: Bom...

Entrevistado: Porque a gente... eu trabalhei muito e ainda até hoje na igreja, né? era presidente da paróquia e também trabalhava com o pastor e ele é muuito ligado a cultura, ele era não... é ligado. Ele gosta muito de história e cultura... é com ele...

Entrevistador: E quem que é esse pastor?

Entrevistado: Pastor é... ..Valdemar Gaeli

Entrevistador: Ah ta...

Entrevistado 2: Ele mora em Santa Maria

Entrevistado: Ele agora tá em Santa Maria.

Entrevistado 2: Ele ficou quinze anos aqui na nossa paróquia...

Entrevistador: Aham... a gente (inint 00:45)

Entrevistado: Inclusive ele escreveu até um livro, né?

Entrevistador 2: O... o Rach, Silas Rach, lá de... Sobreiro... ele falou muito bem dele

Entrevistado: desse...

Entrevistador 2: Desse pastor.

Entrevistado: Ele é diferente, né? todos pra mim são bons eu gosto de todo mundo, mas cada um tem um jeito de ser, né? então a gente tem que respeitar o jeito de cada um.

Entrevistador: Aham. E aí esse pastor então...

Entrevistado: Esse pastor gostava assim... ele... ele gostava as vezes de história pra descobrir... a vinda dos pomeranos pra a paróquia de Palmeira. Palmeira era uma... formava uma comunidade, né?

Entrevistador 3: Ela parece que é a mais antiga, né? Palmeira...

Entrevistado: É... Palmeira é... ali era o centro primeiro, né? onde é que eles vieram de lá pra cá. E contava muita história, mas a gente es... a gente vai perdendo muito também, né?

Entrevistador: Mas aí o quê que ele contava? Ele descobriu o quê? Como que...

Entrevistado: Que... era assim: o pessoal veio lá do... do alto, vieram da Pomerana (inint 01:44) pra cá, então eles começaram a se alojar lá no alto de Santa Leopoldina, aqueles alto. E um muncado de alemão mesmo ia lá pra Domingos Martins.

Entrevistador 2: Então o pomerano...

Entrevistado: Dali depois eles trabalhava, eles tinham que trabalhar na época era seis anos pra adquirir, ter o direito da posse do terreno. Seis anos... muito tempo naquela época.

Entrevistador 2: Ia pagando de poquim a poquim?

Entrevistado: Como era o pagamento isso aí num... num... num tem história não, acho que pelo trabalho, pelo o que eles tavam produzindo, então em cima disso eles ganhavam o terreno, né? E o ... dali então eles desceram, vieram pra (inint 02:20), vieram aqui pra Taboca, por aí a fora. Inclusive meu bisavô morava lá.

Entrevistador: Morava onde?

Entrevistado: Taboca

Entrevistador: Em Taboca?

Entrevistado: Uhum. Município de Santa Teresa... ...Dali então, dali veio espalhando... ... eles vieram aqui pro lado de Palmera porque na época era... tinha o rio Santa Joana, tinha muita água, muita mata, terra era boa, então eles vieram chegando devagarzinho até chegar aqui.

Entrevistador 2: Aí seu bisavô que desceu?

Entrevistado: É... veio o bisavô, depois veio outros pessoal, né?

Entrevistador: E como é que chamava o bisavô do senhor?

Entrevistado: Era Henrique Eberman... ..

Entrevistador: E a bisavó?

Entrevistado: Olha, a minha bisavó...

Entrevistador 2: Era de que família?

Entrevistado: Era (inint 03:13). Ô, Mila.

Entrevistado 2: Hã?

Entrevistado: Não, acho que agora que o bicho pegou hen. A minha bisavó num era... num era... num era (inint 03:22), não... era minha avó? Era Strick, né? Era parente da dona... da mãe do pastor Lorival.

Entrevistado 2: Mas o pastor Lorival era... eles são...

Entrevistado: Não, estou falando assim: a vó, a minha bisavó, acho que era também alguma coisa da dona Cristina...

Entrevistado 2: Ah! Da dona Cristina ali?

Entrevistado: Dona Cristina... é... Agora o nome eu num sei, acho que é da família Strick que ela sempre fala, né?

Entrevistado 2: É isso mesmo, que nome mais doido

Entrevistado: Strick é alemão?

Entrevistado 2: É...

Entrevistado: É alemão mesmo, né? da Alemanha...

Entrevistado 2: A dona Cristina (inint 04:08) tanta coisa, né?

Entrevistado: É.

Entrevistado 2: Algumas assim.. não tantas, né?

Entrevistado: Bom, esse era o nome do meu bisavô. Depois aqui, chegando aqui eles começaram a abri o... deixa eu voltar um pouquinho atrás. Tinha uma... uma pessoa que era Benjamim (inint 04:28), era ele que fazia... escrevia as cartas pros pomeranos mandar pra Alemanha...

Entrevistador: Como é que ele chamava? Benjamim...

Entrevistado: Benjamim (inint 04:36)

Entrevistador: Como é que escreve? B.a...

Entrevistado: (inint 04:38)? Ih é um nome difícil...

Entrevistador 2: Bar...

Entrevistado 2: (rs) mais ou menos do jeito que você fez.

Entrevistado: Barloev... ah escreve mais ou menos assim eu vou ver se eu acho escrito. Ele era que... escrevia as cartas pros pomeranos pedindo...

Entrevistador 2: E (inint 04:53)?

Entrevistado: Eu creio que sim, num fala como é que eles chamava, né? E... mas eu creio que sim.

Entrevistado 2: Mas eu acho que não... pomerano.

Entrevistado: ele que... tudo que precisava de prefeitura, estado, aquela época era ele que fazia o requerimento, era ele que escrevia, né?... e... pro pessoal daqui. Primeiro requerimento que ele pediu de Santa Teresa foi um terreno pra fazer um cemitério, lá no rio, no rio não, como é que chama mesmo? na virada lá é...

Entrevistado 2: Santa Júlia?

Entrevistado: Não. Aqui perto, (inint 05:30) lá ainda... Misterioso.

Entrevistador: Alto Misterioso.

Entrevistado: Alto Misterioso

Entrevistador: E aí ele conseguiu então o terreno?

Entrevistado: Sim, conseguiu. Primeiro cemitério luterano em Terras Quentes.

Entrevistador: Olha...

Entrevistador 2: Foi em Alto Misterioso?

Entrevistado: No Alto Misterioso

Entrevistador 2: E tem igreja lá ainda?

Entrevistado: Não, não tem igreja... tem o cemitério.

Entrevistador 2: Só tem o cemitério?

Entrevistado: É... porque era assim tudo (inint 05:59) morava longe. Então quando falecia uma pessoa, algum... alguém oferecia lá o terreno pra fazer o sepultamento daquela pessoa. Ali então o dono do terreno doava um pedaço pra fazer um cemitério pra enterrar, aí sempre tinha aquele ali. Alguém tinha que zelar por aquilo e alguém tem que zelar...

Entrevistador: Aí cercaram...

Entrevistado: Cercava, né?. Lá no meu... onde é que morava o meu bisavô é a mesma coisa. Conta uma história que veio uma pessoa, família da Alemanha ou da... acho que é da Alemanha ou da Pomerana não sei... ... eles não comia lá e ninguém sabia o quê que era farinha... ...Então essa mulher comeu tanta, gostou, comeu farinha.... comeu, comeu, comeu e bebeu água, e aquilo empasionou e... e a mulher veio a falecer. E aí? (inint 06:48) Num tinha lugar pra sepultar a mulher. Tinha (inint 06:53) lá do Santo Anto/ São João....

Entrevistador 3: Deve ter tido congestão, né?

Entrevistado 2: (inint 06:58)

Entrevistador 2: tem uma doença...

Entrevistado: Lá no patrimônio... como é que chama aquele patrimônio lá? E o cemitério então eles não aceitaram sepultar lá porque era da igreja católica, aí eles não aceitaram.

Entrevistador: Lá era só católico que sepultava?

Entrevistado: Só católico, naquela época era só isso. Aí meu avô cedeu o lugar pra sepultar a mulher. Então fizeram um cemitério, existe lá aquele cemitério

Entrevistado 2: Nossa... tia Cristina foi lá esses dias pra trás.

Entrevistado: É... então... já que ele tava acabado então eles reformaram aquilo tudo...

Entrevistado 2: Reformara, aumentaram eu acho...

Entrevistador 3: Esse lugar é aonde?

Entrevistado: Lá no... no Taboca.

Entrevistador 3: Taboca.?

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador 2: Mas aí Taboca já é Santa Teresa?

Entrevistado: Santa Teresa, município de Santa Teresa... ...Bom, dali...

Entrevistador: Impaludismo

Entrevistado: Não. Num era não.

Entrevistado 2: Num é isso que ela teve não...

Entrevistador 3: Ela teve congestão mesmo, impaludismo é ao longo do tempo e ele já tinha um... eles tinham um sistema alimentar forte eles num iam ter isso não.

Entrevistado: Não. Num fala nada sobre esse tipo de doença assim não

Entrevistado 2: (inint 08:02)

Entrevistado: Aí veio... vieram o pessoal de... tudo chegando aqui de Palmeira, desceram muitos de lá e vieram pra cá, veio de Santa Joana, tomando posse aqui. Aí já tinha bastante pessoas já, bastante famílias, eles resolveram fazer uma capela. Mas aí vinha pastor lá de Santa Leopoldina... pra fazer o culto aqui, ele veio duas vezes por ano. Aí isso foi acontecendo até que chegou em mil novecentos e... dois, antes eles fizeram (inint 08:38) num se fala a data de quando foi feito um pedido de um pastor que

veio lá da Alemanha, né? num tinha escola, num tinha nada aqui. Aí... em mil novecentos e dois chegou aqui um pastor, primeiro pastor luterano, a igreja luterana, era alemão. O nome dele era Felipe Peter.

Entrevistador 2: Peter normal? P. e.

Entrevistado: Peter. P. e. t. e

Entrevistador 2: t. e?

Entrevistado: P. e. t. e. r. não sei se tem dois t ou se é só um t

Entrevistador: Não... não... é um t só mesmo.

Entrevistado: E assim foi crescendo a comunidade de Palmeira, né? o pessoal foi chegando, chegando...

Entrevistador 2: Quem foram as primeiras famílias?... As primeiras famílias quem foram?

Entrevistado: Olha, deve ter sido:... .. Joana, né?

Entrevistado 2: É... Joana, que mora lá embaixo ainda.

Entrevistado: É.

Entrevistado 2: (inint 09:32)

Entrevistado: Não, mas aqueles não. Aqueles vieram já tava tudo feito.

Entrevistado 2: Já tava tudo feito já, né?

Entrevistador 2: E já tinha italiano aqui?

Entrevistado: Ainda não.

Entrevistador 2: Então os... os pomeranos foram os que vieram abrir a mata mesmo?

Entrevistado 2: Ah, foi mesmo.

Entrevistado: Foi, foi... vieram abriram a mata mesmo. Os italianos que chegaram lá.

Entrevistado 2: Eles faziam casas dentro do mato, dentro na mata...

Entrevistado: É... eles tinha que fazer casa assim no alto, né? E a história do meu bisavô eles vieram, eles que conheciam madeira que rachava, né? tiravam aquelas tábuas tudo rachadas assim aí fazia aquele negócio em volta, né? e o piso em cima daquilo ali, vivia ali atééé fazer a casa... isso levava teempo.

Entrevistador 2: Num era no oco da árvore?

Entrevistado: Não. Fazia no mato. Primeiro fazia uma... um negócio alto assim pra eles dormir, né? por causa dos bicho, animal, (inint 10:28) naquela época, né?

Entrevistador 2: Uhum.

Entrevistado: E assim foi tocando. E aí, aqui em Palmeira foi crescendo de uma maneira assim... foi chegando as família, agora não me lembro qual foi a primeira família...

Entrevistado 2: Que chegou lá em Palmeira.

Entrevistado: Será que num foi (inint 10:47)

Entrevistado 2: Uai, primeira num foi o (inint 10:56)

Entrevistado: Sim, mas (inint 10:58) já... nós tão falando depois, né? Quando ele veio já tava mais ou menos, já tava começando os primeiros (inint 11:06), né? Agora eu num lembro não.

Entrevistador 2: Não, mas então não tem problema não. É porque as vezes até tem a... pessoal fica sabendo que foram as primeiras... os primeiros mesmo aqui.

Entrevistado: Isso. Tem algum livro que fala sobre... sobre pomeranio, né? que foi até... esse pastor Valdemar comemorou, novecentos e noventa e oito, acho que na época... cem anos da chegada dos pomeranos aqui em Palmeira, né?

Entrevistador 2: Hunn.

Entrevistado: (inint 11:32)

Entrevistado 2: Cem anos tinha... agora tem mais ainda.

Entrevistado: Nossa, foi uma comemoração tão bonita. Ele é muito inteligente esse pastor. Muito, muito mesmo. Tem criatividade, quando eu trabalhava muito na paróquia, né? sempre tinha umas festa bonita. Tinha uma... é uma instituição que eles

fizeram ligada à igreja, é PPL, como é que é? Pastoral Popular Luterana. Então eles comemoraram a primeira... o primeiro encontro da PPL em Palmeira. Tinha duas, cinco... foram três dias: quinta, sexta e sábado. Não, não, quinta-feira eles chegaram... é... começou a chegar gente aqui quarta-feira, então sexta, sábado e domingo. Tinha oitocentas pessoas.

Entrevistador: Isso foi em Palmeira ou foi aqui?

Entrevistado: Em Palmeira, comemorando o primeiro encontro da PPL. Nossa, veio gente da Alemanha, veio gente de Honduras, veio gente (inint 12:30), veio gente num sei da onde.

Entrevistador: Ah que legal.

Entrevistado: Da Alemanha veio, foi muito interessante. Ficou bonito demais.

Entrevistador: Como é que se entende tudo em alemão?

Entrevistado: Nada, tudo em português. Aquele que num sabia falar bem, tinha (inint 12:46) que falava, né?

Entrevistado 2: Agora quem num sabia falava tudo em alemão mesmo. (inint 12:49)

Entrevistado: Mas isso na época quando fazia os cursos, né?

Entrevistado 2: Sim (inint 12:55)

Entrevistado: Isso quando os pastores vieram. Tô falando agora no encontro da PPL.

Entrevistado 2: Ah tá.

Entrevistado: Mas então vão voltar que eu já fiz misturada.

Entrevistador: Não, não tem problema não. A gente vai anotando, vai, volta, depois a gente junta (risos)

Entrevistado: Aí, é... vieram... veio pela primeira vez aqui pastor, ele chegou aqui em mil... novecentos e dois. Agora, até quantos anos ele ficou eu num sei... ... E... todo culto dele era tudo em alemão, né? porque naquela época vinha da Alemanha e o... quem... os imigrantes daqui, quem falava alemão era pumerano, mas dava pra entender ele, ele facilitava também a linguagem. Ele tinha muita dificuldade, então andava a

cavalo, ia lá pro tal do Perdido. Vinte e cinco de Julho, tudo a cavalo. Talvez ficava o mês inteiro fora.

Entrevistador: Pra onde que eles ia ? Perdido? Onde que é isso?

Entrevistado: Perdido... é município de Santa Teresa, onde essa criatura nasceu.

Entrevistador: Aí como é que chama lá? Chama Perdido ou Rio Perdido?

Entrevistado: Rio Perdido

Entrevistador: Ah, Rio Perdido. É que a gente viu isso na internet, Rio Perdido. Fica no município de?

Entrevistado: Santa Teresa

Entrevistador: Santa Tereesa.

Entrevistador 2: Que também Vinte Cinco de Julho é Santa Teresa?

Entrevistado: Vinte e Cinco de Julho também é município de Santa Teresa. E... naquela época o pastor tinha muita preocupação com... porque num tinha escola, num tinha nada. Como é que as crianças iam aprender ler?... .. E sempre vinha alguém de lá que sabia ler e escrever muito bem, vinha pra cá. Então eles abria uma capela, em vários lugares que eles abria essa capela: uma aqui na barra... em Santa rosa, uma capela... era escola e fazia os cultos também... .. outra capela lá em... no Paraju, servia de escola e de igreja também.

Entrevistador 2: Lá é Domingos Martins?

Entrevistado: Não... aqui.

Entrevistador 2: Aqui tem o Paraju também?

Entrevistado: Tem. Lá eu conheço o Paraju de lá.

Entrevistador 2: Uhum.

Entrevistado: Paraju é pertinho aqui. E lá embaixo, Pontal também tinha uma capela lá onde era igreja... e tudo feito de madeira naquela época... tudo. Aqui tinha um lugar aqui chamado (inint 15:12) também tinha uma capela.

Entrevistador: Capela com... uma casa...

Entrevistado: é uma casa com a pastoral pra ensinar a ler e também fazer os cultos... celebrar os cultos.

Entrevistador: E aí a professora era...

Entrevistado: Uma pessoa que sabia ou ele vinha alguma vez...

Entrevistador: Não era a mulher do pastor só não?

Entrevistado: Não... porque morava longe aí pra ficar vindo era difícil. Aí geralmente era só as pessoas mais perto... num é, Mila, num era assim com você? (inint 15:39)

Entrevistado 2: (inint 15:40) que dava o catecismo pros meninos.

Entrevistado: Pois é, ensinava a ler, ensinava o catecismo.

Entrevistador: Aí de manhã dava o catecismo e de tarde...

Entrevistado 2: Lá embaixo onde que eu estudei na escola a gente era assim: na sexta-feira era dia de catecismo, e o resto da semana a gente ia pra aprender a ler, fazer conta. O que eu sei hoje, de ler e fazer conta, eu aprendi com aquele professor. (inint 16:14)

Entrevistador: Mas ele era brasileiro?

Entrevistado: Não, não... era tudo alemão.

Entrevistado 2: Era alemão também

Entrevistador: Veio da Alemanha...

Entrevistado: Veio da Alemanha... viera pra cá... mudaram pra cá (inint 16:23)

Entrevistado 2: Mas ele aprendeu a falar português, porque a gente... nós... em casa nós só conversava alemão, né? Na minha família todos sabiam falar alemão.

Entrevistador: Alemão ou pomerano?

Entrevistado 2: Pomerano. Fala pomerano, mas é alemão.

Entrevistador: E esse pastor era pomerano também?

Entrevistado 2: Também.

Entrevistado: É o professor...

Entrevistador: É... esse professor, quero dizer. Pomerano também?

Entrevistado 2: É o professor era pomerano também.

Entrevistador: Mas aí acabou dando aula em português?

Entrevistado 2: É... aí depois acabou ensinando a gente ler. Aí toda vez que tinha catecismo lia a bíblia... no catecismo.

Entrevistador: E a bíblia era em português?

Entrevistado 2: Bíblia em português. Aí quando a gente foi (inint 17:06), então depois... aí... católico fala crisma, né? nós somos (inint 17:13). Batiza quando tá pequeno e depois quando tá com doze, treze anos aí vão estudar catecismo, vão estudar na bíblia, pra depois fazer a reformação do batismo. (rs) Aí a gente tinha que falar no dia da confirmação a gente ainda tinha que fazer alguma coisa, ler ou o primeiro... começava lá na... no primeiro... primeiro mandamento, segundo mandamento, terceiro mandamento, cada um tinha que falar um mandamento. Ai, ai, ai. A gente ficava assim: Meu Deus, o mandamento mais difícil que vem pra mim agora. (risos) Mas, olha, vou te falar, tinha que saber isso todinho porque você não sabia qual ia cair pra você. Nossa Senhora, a gente falava.

Entrevistador 3: A vantagem é que era só dez, né?

Entrevistado: É, mas tinha lá os (inint 18:04). Nem lembro mais como é que é isso.

Entrevistado 2: Tinha mandamento, tinha a... as petições.

Entrevistado: Pra quê que é? Qual o sentido? Por que tem aquele mandamento? Por que (inint 18:16). Tinha que responder aquilo tudo, a gente aprendia isso tudo.

Entrevistador 2: Nossa, num era só o mandamento não.

Entrevistador 3: Num era só ter decorado não, né? Você tinha que saber a razão dele.

Entrevistado: Tinha que saber a razão de tudo.

Entrevistado 2: Tudo, tudo, tudo.

Entrevistado: Por isso que fala, na igreja católica fala crisma, mas aqui pra nós luterano é confirmar. Ele foi batizado criancinha então ele tem o estudo por que ele foi batizado. Aí ele vai saber o por quê do batismo, né?... Mas aqui em Palmeira foi levando assim (inint 18:47)

Entrevistador: É... na época da confirmação da senhora como é que foi assim? Depois da confirmação fez um almoço, um jantar, ou não? Fez só a confirmação...

Entrevistado 2: Só confirmar

Entrevistador: E aí foi pra casa. E aí a senhora tava vestida como?

Entrevistado 2: Roupa branca, vestido branco e... não muito curto e também nem muito comprido. Vestido normal mesmo.

Entrevistador: De renda?

Entrevistado 2: De renda... os meninos assim que fez. Quando meu irmão foi, ele teve que fazer um terno... um terno.

Entrevistador: Que chique.

Entrevistador 2: Um terno branco não, né?

Entrevistado 2: Não... podia fazer a cor que quisesse. Aí meu irmão fez um/um/um meio assim... amarelado, sei lá como é que era o modelo dele. Aí a gente não sabia fazer aquilo... um paletó, não sabia fazer um paletó naquela época.

Entrevistado: Aqui, comunidade Palmeira inaugurada no dia primeiro, não. A primeira capela, inauguração da primeira capela: dia vinte do três de mil novecentos e quatro, que o pastor outro veio em mil novecentos e dois... ..

Entrevistado 2: (inin 20:08)

Entrevistado: capela, né? e a inauguração da igreja atual, que é esta daqui, foi inaugurada em... dois do quatro de mil novecentos e dezesseis... .. Aqui tem todas igrejas luteranas do estado;

Entrevistador: ah, legal... ..A gente pode tirar foto?... das fotos

Entrevistado 2: Claro que pode.

Entrevistador 2: Onde o senhor conseguiu esta...

Entrevistado: Ah eles fizeram isto aqui...

Entrevistador 2: Tem muito tempo?

Entrevistado: Tem... bastante tempo. Eu vou tirar esse negócio aqui... aí se quiser pode até levar se quiser... (inint 20:48)

Entrevistador 2: Mas o senhor tem outro?

Entrevistado: Tem não, mas isso é fácil de arrumar (inint 20:54)

Entrevistador: Ah, se o senhor puder dar pra gente, a gente agradece.

Entrevistado: Tem muita coisa boa aqui, muita coisa boa aqui.

Entrevistador: É... tô vendo... tem muita coisa interessante. Vai fundamentar muito pra gente no trabalho.

Entrevistador 2: Também acho.

Entrevistador: Mas a senhora tava falando do irmão da senhora, e aí falando que não sabia fazer o palitó, mas e aí?

Entrevistado 2: Aí foi comprar pronto.

Entrevistador: Aí comprou pronto.

Entrevistado 2: Comprou pronto (inint 21:19). Aí o pai foi lá e conseguiu comprar um pra ele... aí a calça mamãe fazia calça, né? Eu também na época que eu fui confirmada eu já tava procurando um (inint 21:36) e procuro até hoje.

Entrevistador: Hun, que bom.

Entrevistado 2: (inint 21:41)

Entrevistador: A senhora ganhou uma máquina quando casou?

Entrevistado 2: Ganhei.

Entrevistado: Você ganhou quando era menina

Entrevistado 2: Eu tinha quinze anos quando eu ganhei a máquina

Entrevistado: Aí ela trouxe a herança dela e eu entrei com a minha (risos)

Entrevistado 2: Agora que o bicho pegou (risos) Nós tinha terreno lá embaixo. Depois lá do Rio perdido nós viemos pra? (inint 22:11)

Entrevistado: Eu me casei muito preocupado... por causa da herança

Entrevistador: (risos)

Entrevistado 2: Ô bicho besta... só tinha duas mudas de roupa

(risos)

Entrevistado 2: Aí, Jesus. Mas foi difícil. Ah, mas aí nós moramos a meia... antigamente era a meia que falava, né? Quando nós viemos lá do Rio Perdido, nós viemos pra... pro rio (inint 22:39)

Entrevistador 2: Aí a senhora trouxe a máquina, uma vaca...

Entrevistado 2: Não, não trouxe a máquina não. Nem, não nós num fizemos isso não. Mais é... aí foi... aí vendemos o terreno lá embaixo, papai vendeu. Aí os meninos um comprou uma carreta, o outro ficou com um pedaço de terra, né? E aí nós também num... num importamos, eu num importei (inint 23:09).

Entrevistador 2: Eram três filhos?

Entrevistado 2: Três... quatro, depois que minha mãe... meu irmão mais novo tinha treze anos aí ela ganhou mais um menino.

Entrevistador 2: Temporal?

Entrevistado 2: (inint 23:19) melhor coisa da vida... da nossa vida.

Entrevistador: É?

Entrevistado 2: Que lá onde nós morava pra ir comprar as coisa em Itapina tinha que ir a cavalo, porque tinha carro, num tinha nada.

Entrevistador: Ia até Colatina?

Entrevistado 2: Não, a gente ia mais pra Itapina.

Entrevistador 2: Onde fica Itapina?

Entrevistado 2: Pra cá...

Entrevistado: (inint 23:40) ali pra baixo?

Entrevistador 2: Não.

Entrevistado: Segue lá embaixo lá pro lado do (inint 23:47) fica lááá... tem uma placa assim “Itapina”, aí já desce ali, pega o chão, né?

Entrevistador: Mas aí atravessa o rio?

Entrevistado: Não. Daqui pra lá não.

Entrevistado 2: Vai direto pelas estrada.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado 2: Aí... aí a gente levava ela junto... todo lugar onde a gente ia tinha de levar. Aí meu irmão mais novo botava um travesseiro na frente da sela, punha a cabeça e aí botava ela em cima e levava ela junto. Mais ela ria um tanto porque os cabelinho dela voava pra cima assim... quando o cavalo corria um pouco né?

Entrevistador: Ahan.

Entrevistado 2: Agora só tem eu e ela também ainda, né? ela mora em Vitória.

Entrevistador 2: Que diferença... diferença da senhora pra ela?

Entrevistado 2: Quinze anos... ... aí a...

Entrevistador: E como é que ela chama?

Entrevistado 2: Leonilza... ...aí ela casou com o (inint 24:41), o marido dela. Aí ela tem dois filhos, né? o Anderson... e a Liziana, a Liziana é a mais nova. Agora já fez faculdade, já tão formados. O Anderson já é arquiteto, ele já trabalha na prefeitura, leciona pra... lá que eles tão fazendo a...

Entrevistado: É Sesi?

Entrevistado 2: É... na serra não.

Entrevistado: Sesi

Entrevistado 2: Ah, lá na Sesi. Aí ele... de noite ele dá aula pro pessoal que faz faculdade.

Entrevistador 2: Ah que legal

Entrevistado 2: E, ele tá legal mesmo

Entrevistado: Essa igreja...

Entrevistado 2: E a menina é dentista.

Entrevistador 2: Ah, que legal.

Entrevistado 2: Ela já tá trabalhando lá em... em... ela trabalhava em Santa Maria (inint 25:33)

((transposição de vozes))

Entrevistado 2: Aí falou “por que?”, “ah porque a tia dela falou muito mal do prefeito”. Aí o rapaz falou “ué mas a Liziana não tem anda a ver com isso, ela nem/nem/ela diz que no dia que ela foi votar nem sabia pra quem ia votar”... ... aí ela falou assim “ah não, mas ela é tia/ela é sobrinha da (inint 26:16)” Mas por conta disso também...

(inint 26:19) ((transposição de vozes))

Entrevistado 2: Onde que ela tá? Ela tá lá em... Onde que a Liziana tá agora, bem?

Entrevistado: Quem?

Entrevistado 2: A Liziana tá onde agora?

Entrevistado: Linhares.

Entrevistado 2: Linhares. Enquanto disso... desse movimento do estado de mandar embora, não sei o quê, veio um chamado de lá pra ela ir pra lá. Aí ela foi.

(inint 26:45) ((transposição de vozes))

Entrevistador 2: Dona Mila, como que chama o irmão da senhora que teve um paletó amarelo?

Entrevistado 2: O nome?

Entrevistador 2: È... do que fez a confirmação com o terno...

Entrevistado 2: Arnor.

(inint 27:11) ((transposição de vozes))

Entrevistado 2: E depois eu tinha um véu comprido.

Entrevistador 2: Mas era branco?

Entrevistado 2: Tudo branco. Antigamente de tudo... os luterano usava de preto.

Entrevistador: A senhora não chegou a ver nenhum vestido?

Entrevistado 2: Não, eu nunca vi não

Entrevistador 2: Já era da época dele?

Entrevistado 2: Muito, muito antigo.

Entrevistado: Eu num sei se aqui no Brasil já/já... mas é porque tinha uma história atrás disso lá... no país lá... na Palmerânia... é Palmerânia... Palmerano toda vida foi pisado, espionado desde a terra deles lá. Então ele contava a história que quando... num casamento a primeira noite a noiva tinha que dormir com/com/como é que fala? Com o dono lá... é tipo o dono...

Entrevistador 3: Senhor feudal.

Entrevistado: Isso... feudal.

Entrevistador 3: É ele?

Entrevistado: É. Então, eles já usavam roupa preta por isso. É a história que a gente já ouviu falar.

Entrevistado 2: Era moça, num sei... num sei o quê... então...

Entrevistado 2: Aí eles passava um galho de/de... num tinha aquela murta?

Entrevistador 2: Uhun

Entrevistado 2: Pois é. Aí fazia um arranjo de murta... ...A minha mãe tinha... aí ela tinha um velcro, a minha mãe tava até bonita mesmo... aquela foto com o Anderson, ele quer fazer uma maior... do meu pai mais da mamãe. A mamãe tá sentada na cadeira e o meu pai tá em pé perto assim...

Entrevistador 2: De terno?

Entrevistado 2: Uhun

Entrevistador 2: Terno branco ou terno preto?

Entrevistado 2: Terno preto. Ele pôs aquele colete embaixo aí tinha aquele/antigamente tinha aquele negócio de pendurar aqui assim.

Entrevistador 2: E eles casaram onde?

Entrevistado 2: Eles casaram lá no (inint 33:38) lá onde é que nós tão falando.

Entrevistador 2: Será que eles fizeram uma festança?

Entrevistado 2: Muita não. Acho que só fizeram mesmo uma almoço mesmo... parece que foi um negócio assim.

Entrevistador 2: Nu/num teve aqueles três dias de festa?

Entrevistado 2: Creio que não porque mamãe nunca falou isso pra nós...

Entrevistador 2: Baile?

Entrevistado 2: Agora ainda tem... lá no alto da Tiboca ainda tem...

Entrevistado: Ainda faz ainda... São João por aí a fora...

Entrevistado 2: Aqui vai ter talvez... aí eu fico com dó de usar meus vestidos porque quando volta... minha nossa senhora da Penha (inint 34:18) que o chão tá sujo...

Entrevistado: Tem um negócio de uma dança lá, né? sei lá como é que eles faz aquilo.

Entrevistado 2: Depois que acaba de almoçar aí tem uma dança...

Entrevistado: Dança do (inint 34:31)

Entrevistado 2: É... dança do (inint 34:33)... Antigamente eles botava os pratos e em volta dos pratos tinha uma/aquele mato que eu falei...

Entrevistador 2: murta.

Entrevistado 2: Murta... botava em volta dos pratos... Aí depois quando veio mudamos pra... (inint 34:49) Aí depois que acabava as comidas todas... que ninguém tava mais comendo, aí espalhava aquilo tudo pra sala... pro chão assim... Aí a noiva... aí eles começava a dançar. Tinha tocador... aí perto do tocador tinha uma caixa cheia de cigarro... ai tá. Aí eles iam e começavam a dançar. Primeiro eles dançavam os noivos, aí depois o noivo pegava uma mulher... a noiva pegava um homem... até que dançava com todos aqueles que tavam no casamento. Aí quando chegava lá no... começava aqui na concertina... aí ia e voltava aqui na concertina.

Entrevistador 2: Mas no salão?

Entrevistado 2: No salão. Aí ele tinha que dar um dinheirinho ali, aí eles davam dois cigarros pra cada um...

Entrevistado: E uma bicada no/no/na garrafa lá

Entrevistado 2: Aquilo era muito engraçado, meu Deus do céu. Mas a minha roupa... vou te falar viu. Quando era poeira... é poeira, né? Agora quando é lama... hun... Nossa Senhora, no dia que choveu, eles dançava assim... lama no vestido... os vestido tava mais bonito de tanto assim... de lama na barra.

Entrevistador 2: todo mundo de lama...

Entrevistado 2: (inint 36:05) Aí deixamo na água... soltamos a mangueira de água, porque quando eles traz logo... não fica lama da segunda feira, é mais fácil pra sair... porque quanto tempo mais fica mais ruim pra sair, né? Pra sair a gente botava dentro de uma bacia... dentro de uma bacia... a gente botava sabão, água, álcool... essas coisas.

Entrevistador: Sabão e álcool é bom pra limpar?

Entrevistado 2: Uhun

Entrevistador: Olha só.

Entrevistado 2: Sabão de/é.../mas é... qual o nome do sabão sô? Aiii. Eu lembrava disso agora... é...

Entrevistador: Sabão em pó?

Entrevistador 2: De coco?

Entrevistado 2: Tem o de coco, tem o de... ah, tem mais é... tipo de sabão, né? Mas aí a gente usava o normal mesmo.

Entrevistado 2: E antes limpava como? Antes de ter sabão em pó...

Entrevistado 2: Ah, Nossa Senhora. Aí passava até sabão de/de/de... como é que chama? Aquele trem...

Entrevistado: Pinhão?

Entrevistado 2: Pinhão. Passava até com pinhão, mas antigamente lavava roupa tudo com sabão de pinhão... e era ótimo pra lavar roupa.

Entrevistador: E como é que era o sabão?

Entrevistado 2: Pinhão?

Entrevistador: É

Entrevistado 2: Uai catava pinhão...

Entrevistado: É uma fruta pinhão né?

Entrevistador: Ah tá.

Entrevistado 2: A gente catava os pinhão, aí a gente descascava...

Entrevistador 2: Refoga/ferventava primeiro ou não?

Entrevistado 2: Não. Ele era umas/eles ficava seco... (inint 37:42)

Entrevistador 2: Pulava?

Entrevistado: Eles ficava dentro dum/dentro numa caixa. Era tipoo... (inint 37:50) Elas quebrava aquilo tudo e penerava... tirava mesmo era a semente de dentro, né? Depois passava aquilo na máquina de moer e moía aquilo fininho.

Entrevistado 2: A gente não tinha máquina de moer, aí socava aquilo no pilão.

Entrevistado: No pilão. Aí depois juntava aquilo tudo ali, jogava a soda no meio, fervia aquilo... num era assim? Até da ponto... aí virava e cortava os pedaço.

Entrevistado 2: É... soda... Não, mas era um sabão muito bom mesmo.

Entrevistado: A gente tomava banho com aquilo ali. Era o sabão mesmo.

(inint 38:23)

Entrevistado: E tem uma coisa... o pinhão se a gente comer uma sementinha daquela, ahh...

Entrevistado 2: caga até as calça abaixo...

Entrevistado: Faz efeito hen...

Entrevistador : ah é? (rs)

Entrevistado 2: Num é veneno, mas

Entrevistado: Num é veneno, mas se comer muito.

Entrevistador 3: Esse pinhão num é araucária não, né?

Entrevistado: hen?

Entrevistador: Qual que é a árvore do pinhão?

Entrevistado: A árvore... como é que eu vou descrever isso?

Entrevistador 2: Aquela grossa que você acende lenha/acende fogo com ela?

Entrevistado: Não, num é aquela não

Entrevistado 2: Ela num cresce muito. É uma árvore que vai... mas vai caindo os galho.

Entrevistador: É uma araucária, num é?

Entrevistado: Não, araucária é uma coisa... eu conheço. Essa daí não... é diferente.

Entrevistador: Mas é da mesma... do mesmo grupo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador 2: É mais parecido com o pinheiro?

Entrevistado: Nada. Ele tem umas folhas... as folhas de/de/do pé é quase tipo essas folhas de oiti aí, mais ou menos nesse tamanho... um pouquinho maior (inint 39:17) É... dá assim... num dá tronco muito alto não. Um tronco mais ou menos dessa altura que vai crescendo os galhos assim, formando umas galhas assim.

Entrevistado 2: E... aí nós ia catar assim. Na beira da estrada eles plantava muito assim...

Entrevistado: Aquilo tem uma nódia... que se pegar na roupa num solta nunca mais.

Entrevistador: E que cor que ele é? Ele é...

Entrevistador 2: Castanho?

Entrevistado: O quê?

Entrevistador: Que cor que é o pinhão? Quando ele tá verde... ele é verde?

Entrevistado: Verde

Entrevistado 2: Verde

Entrevistador: Ah, acho que eu sei qual que é. É aquele que tem lá na.../tem uns que tem lá na... Avenida (inint 39:53), não. Tem uns que sai... que cai no carro. Ele solta... ele cai, num cai?

Entrevistador 3: Que tamanho que é? Aquele é grande.

Entrevistador: É redondinho assim... desse tamanho?

Entrevistado: É... mais ou menos assim... quadradinho assim... com quatro sementinhas dentro.

Entrevistador: É aquele que tem lá. Nossa, não sabia que fazia sabão daquilo não. Adorei. (risos) Muito legal... ...

Entrevistado 2: Nós fazia muito sabão daquele. Mas depois a mamãe aprendeu a fazer um sabão também de... matava boi... aí ela pegava a/a...

Entrevistador 2: Sebo.

Entrevistado 2: Sebo, é. Sebo de boi... e aí botava de porco também, né? aí ali botava soda... aí depois ela ainda botava umas coisas assim pra dar um... uma cheiro mais... Mas num lembro o quê que a mamãe botava.

Entrevistado: Antigamente o pessoal era bem criativo com essas coisas, né?

Entrevistador 3: É, depois da indústria a pessoa ficou mais acomodada, né?

Entrevistador: A gente acha tudo pronto, né?

Entrevistado: Tudo pronto, né?

Entrevistado 2: E o broto que ela fazia? Nossa, os brotos que ela fazia... na roça só usava broto, né? Agora no dia que usava trigo... nossa, minha cara ficava toda feliz porque ia fazer pão.

Entrevistador 2: E aí o broto era de/de cará, de inhame, de mandioca?

Entrevistado 2: Não. Cará, inhame e.... e fubá.

Entrevistador 2: Banana?

Entrevistado 2: Pode também. Banana eu adoro. Aqui na rua eles sempre traz da feira...todo dia traz a.../o pão... oh o broto. A mulher que faz ali... é muito... muito gostoso

Entrevistador: E que dia que tem feira aqui? Sábado?

Entrevistado: Aí vem os alemão lá de Santa Maria... Santa Maria não, (inint 41:40) tudo vem

Entrevistado 2: Tudo com o caminhão ali vendendo verdura, vendendo... tudo que tem... que pensar.. eles planta e traz pra vender.

Entrevistador: Lingüiça?

Entrevistado 2: Lingüiça

Entrevistado: Não, agora eles não tão vendendo mais não. Tá proibido. Eles vendia até carne, mas aí...

Entrevistador: Por que que não pode vender?

Entrevistado: A vigilância

Entrevistado 2: A vigilância não deixa matar boi mais não. Agora tem que comprar carne que vem de fora.

Entrevistador 2: Aqui tem que comprar carne que vem com certificado.

Entrevistador: Você não pode matar nem o seu boi?

Entrevistado : Não.

Entrevistador 3: Seu boi pode pra você comer uai, não pode é pra vender.

Entrevistado: Não, não pode não.

Entrevistador 3: Não, pra você comer pode...

Entrevistado: Não

Entrevistador 3: Agora não pode é pra vender

Entrevistado: Aqui não pode não.

Entrevistador 3: Pra vender é que não pode.

Entrevistado: Se alguém falar que vai matar eles vão lá prende o cara, multa e tudo. A lei aqui é o... como é que é... lei do... Havia uma ditadura, porque nós vivemos numa ditadura branca aqui.

Entrevistador 3: (risos) É... tem razão

Entrevistado: Ditadura branca... Você pode fazer tudo, mas não pode fazer nada.

Entrevistador 3: Você tem liberdade, mas não tem.

Entrevistador: Mas aí o porco, por exemplo, o porco é mais tranquilo, né?

Entrevistado 2: É... tem gente que morga em casa...

Entrevistador: Como é que é? (inint 43:08)?

Entrevistado: Não, hoje o porco não dá mais (inint 43:11) não, né, Milinha?

Entrevistador: Mas a gente ainda acha aqui ainda?

Entrevistado 2: Porco?

Entrevistador: Não o (inint 43:18)

Entrevistado: O (inint 43:19)

Entrevistado 2: Ah o (inint 43:21) é mais difícil, né? mas ainda tem sim. Se a pessoa mata o porco bem gordo, ainda dá pra fazer um (inint 43:29)

Entrevistador 3: Hoje eles faz muito com a coisa da barriga, né? com a...

Entrevistado 2: Aí a gente/nós antigamente matava porco aí fazia (inint 43:38) pendurava na fumaça.

Entrevistador: Junto com a lingüiça?

Entrevistado: É.

Entrevistado 2: Junto com a lingüiça.

Entrevistado: Pra defumar.

Entrevistado 2: A gente já matava o porco e o boi tudo junto pra poder fazer a lingüiça misturada, né?

Entrevistado: Lingüiça defumada que era meio a meio. Meio de porco... meio de boi.

Entrevistado 2: Nossa que delícia que era... Você sabe o quê que nós fazia também ainda? O porco num tem aquele/aquele/aquele véu em volta do estômago, num tem?

Entrevistador: Uhun (inint 44:08)

Entrevistado 2: É... é tipo um véu assim em volta do/do/do coisa. Aí nós tirava aquele véu e fritava e botava aquela banha dentro de um vidro qualquer...

Entrevistado: Usava no cabelo

Entrevistador: Adorei.

Entrevistado 2: Os cabelo ficava bom. Você sabe que eu tô lembrando, vou pedir a (inint 44:34) pra me vender um óleo daquele, mas eles num mata porco/boi/porco aqui mais.

Entrevistado: De primeira tinha aquele porco caipira aqui que dava muita banha, né?

Entrevistador: Aí usava de gel ou usava...

Entrevistado 2: Em vez de gel usava banha.

Entrevistador 2: Usava de creme de cabelo?

Entrevistador: Usava era pra... sair ou era pra ficar em casa tra/passava?

Entrevistado 2: Passava né? deixava o dia todo e de tarde lavava o cabelo.

Entrevistador 3: Antigamente o mesmo boi o mesmo porco servia pras duas coisas.

(inint 45:05) ((transposição de vozes))

Entrevistado 2: Mas você sabe que o cabelo ficava era bom?

Entrevistador: Ah mais deve ficar... macio, macio.

Entrevistado 2: Ficaava maciinho, gostoso, você podia pentear do jeito que você queria que ficava. (inint 45:25)

((transposição de vozes))

Entrevistado: Você pega uma pelotinha de banha... que é aquela pelotinha dura você põe no seu braço... aí panha dois pingo de óleo e põe ali perto. A banha vai dissolver e vai embora, né? porque é banha animal. E o vegetal vai ficar ali ó... ela precisa de cem grau pra ela ficar mole. Se você vai ingerir aquilo vai pro fígado, do fígado vai/vai jogar aquilo tudo pro sangue. Aí vai encher o coração seu... tá entupido... as veias do coração tá entupido...

Entrevistador 2: Gostei da teoria dele

Entrevistado: Num é... aí por isso que tem esse monte de gente com os...

Entrevistador 2: Eu gostei da teoria do senhor (rs)

Entrevistado: É uai.

Entrevistador 2: Faz todo sentido.

Entrevistado: E na época que comia banha ninguém tinha problema no coração...

Entrevistador 2: Ninguém tinha nada... é verdade.

Entrevistado: Agora todo mundo tem problema... pressão alta, é... veia entupida, é... ponto safena.

Entrevistado 2: É que antigamente eles matava porco e ficava a banha... aí tinha latas de banha cheinha.

Entrevistador: E nada de sal, né?

Entrevistado 2: Nada de sal.

(inint 47:17) ((transposição de vozes))

Entrevistador 3: Essa carne de lata que vocês fala é a forma inteligente de guardar carne, né?

Entrevistado: Muito... porque num tinha geladeira, e tem uma coisa... ela fica mais gostosa ainda.

(inint 47:45) ((transposição de vozes))

Entrevistador: Em compota? A manga era em compota, né? creme igual doce de/de...

Entrevistado 2: Era igual geléia

(inint 48:27) ((transposição de vozes))

Entrevistador: Aí deve ir direto pra caixa?

Entrevistado 2: Direto pra/prá/prá... como é que é? Pra lá/pro/ direto pra cozinhar no tacho. Mas aí antigamente tinha aqueles tachão desse tamanho era tipo uma/uma...

Entrevistado: Rapadura que você tá olhando aí?

Entrevistado 2: Rapadura...

Entrevistado: Rapadura...

Entrevistado 2: Nossa, aí depois eu batia... cozinava, cozinava... aquele trem tudo. Mas virava uma açúcar tão boniita. Aí depois antes dele ficar no ponto de açúcar, aí a gente jogava água, pegava umas frutas pra jogar na água... aí virava puxa puxa.

Entrevistador: puxa...

Entrevistador 2: Ai, delícia (risos)

Entrevistado 2: Noossa, mas era gostosa... não deixava de fazer. Aí sempre último tacho/última tachada que o papai fazia... aí pegava mamão, pegava os talos do mamão... os talos.... do pé. Ralava, ralava.... e fazia aquela tachada de doce de mamão. Aí por cima botava coco... tudo que tinha ali. Nó, mas era gostoso. Porque ele tinha já forno de fazer os pedaço de... como é que chama aquele negócio de açúcar, né?

Entrevistador: Rapadura?

Entrevistado 2: Rapadura... é... papai já tinha as...

Entrevistado: as formas...

Entrevistado 2: As formas tudo

Entrevistado: Era só encher as formas...

Entrevistado 2: Era só enxer... Aí ele enchia aquelas formas tudo de doce. Aí ele dava pros outros... quem chegava lá em casa.

Entrevistador: Mais isso era o quê... uma vez por mês... uma vez na semana...

Entrevistado 2: Ah não... assim... quando resolvia fazer.

Entrevistado: É porque tinha época de cana aí fazia rapadura. Igual panhar café... então passava a época do café, né? a cana madura aí fazia muita rapadura.

Entrevistador: Num era a semana/fazia pra semana não, né?

Entrevistado: Não.

Entrevistado 2: Não.

Entrevistador: Mas o melado era/também era a mesma coisa?

Entrevistado: A mesma coisa... já fazia naquela época.

Entrevistado 2: (inint 51:07)

Entrevistador 2: Na época da colheita da cana, né?

Entrevistado 2: Colheita da cana... Aí sempre o pai plantava de novo... aí sempre tinha cana.

Entrevistador: Então quase uma vez por ano?

Entrevistado: Mas tinha rapadura... eu sempre vi rapadura (inint 51:18)

((transposição de vozes))

Entrevistado 2: Farinha nós fazia muita também...

Entrevistador 2: Farinha também...

Entrevistado 2: Farinha já é com mandioca, né?

Entrevistado: E tanta farinha... tanta rapadura.

Entrevistado 2: Tanto trem que a gente fazia assim né... aqueles doce que papai fazia na (inint 51:42) de mamão... mais era uma delícia. O pessoal vinha perguntar “o senhor num tem não aqueles doce? Você num vende não?” Aí papai falou: “não, eu num vendo não. Você quer?” “Ah eu acho eles tão gostoso”. Pode pegar.

Entrevistador: E... fubá? Tinha/vocês tinha o moinho próprio ou tinha que...

Entrevistado 2: Tinha que levar...

Entrevistado: Tinha que levar em algum lugar que eles tinha moinho... aqueles moinho de pedra ainda.

Entrevistador: Uhun.

Entrevistado 2: Lá a gente usa na Esperança... na Esperança, não, aqui em cima onde é que tinha a igreja ali.

Entrevistador: E aí de acordo que ia passando o ano ia levando o milho... ou também fazia/ou num dava pra fazer...

Entrevistado: Não, mandava lá um quarto, duas quartas de milho... num lembro quanto que era mais... moía aqui... pra num ficar muito velho. Aí quando acabava levava mais.

Entrevistado 2: Aí quando via que tava acabando levava mais... ... Na época plantava tudo, né? milho, cana, feijão...

Entrevistador: Milho, cana, feijão, arroz.

Entrevistado: Olha, tinha fartura, mas num tinha dinheiro.

Entrevistador: É porque todo mundo plantava, né?

Entrevistado: É... Num vendia nada... num tinha exportação pra vender... o povo era... hoje (inint 52:50)

Entrevistado 2: Minha mãe fazia horta... ...cada cabeça de repolho que você precisava... se num pegava perde. Ela plantava alho, cebola, aquela cebolinha branca, a cebolinha preta, cebolinha ver/azul. Depois tinha branca, depois tinha aquela outra que a gente usa agora... e essa branquinha tudo aqui tinha. Aí na sexta-feira santa...

Entrevistador: Mas era cabeça?

Entrevistado 2: Aí na sexta-feira santa que papai plantava alho... mais dava cada cabeçona...

Entrevistador 2: (inint 53:28)

Entrevistado 2: Ah, então assim... tinha tudo assim na roça, né?

Entrevistador: Mas era poquinho, né? porque sexta-feira santa era dia (inint 53:38)

Entrevistado 2: Mas se desse na outra hora ele plantava também

Entrevistado: Num plantava assim graande quantia pra vender, plantava pra colher... pra ter em casa.

Entrevistado 2: Era só pra nós mesmo (inint 53:48) Ah, tudo que ela achava assim... tudo que ela achava que podia fazer na hora ela fazia, né?

Entrevistador 2: Couve, alface, tomate?

Entrevistado 2: Couve, alface, tomate... é tudo que desse...

Entrevistado 2: Chuchu e abóbora... num devia faltar, né?

Entrevistado: Num era muito chegado a chuchu não.

Entrevistado 2: Abóbora? Abóbora nós pegava na roça... quanto plantava milho aí plantava abóbora também, né? Aí a gente ia... caçava... caçava aquelas abobrinhas bem... aquelas menorzinhas assim... compridinhas assim. Ela era branca, ela num era assim... verde não. Aquela que era boa. Aí lavava ela depois...

Entrevistado: Aquela era boa...

Entrevistado: Picava, picava, picava... até chegar na/na/na/no/no/no miolo, né? a semente... lá em volta. Nossa depois preparava ela...

Entrevistador 2: Aí comia com... polenta?

Entrevistado 2: Ahh... não come muita polenta não

Entrevistador 2: Não?

Entrevistado: Com qualquer coisa... Era com feijão, arroz, macarrão.

Entrevistador 2: Macarrão?

Entrevistado 2: (inint 54:46) essa raça pomerana não gosta muito... não é assim fã não... mais é...

Entrevistador 2: Arroz e feijão:

Entrevistado 2: Mais é os italiano. Italiano num podia faltar polenta, né?... todo dia tinha que fazer polenta.

Entrevistador 2: Mas aí abobrinha era com arroz e feijão?

Entrevistado 2: Ah sim...

Entrevistador 2: Canjiquinha.

Entrevistado 2: Com o quê que tinha na mesa comia.

Entrevistador 2: E o quê que tinha mais na mesa?

Entrevistado 2: Ah, na mesa tinha...

Entrevistado: carne de porco...

Entrevistado 2: Carne de porco...

Entrevistado: Galinha...

Entrevistado 2: Tinha galinha... é/é/é... arroz, macarrão, batatinha...

Entrevistador 2: Mas aí o macarrão vinha da rua?

Entrevistado 2: Da rua...

Entrevistado: Não, fazia em casa...

Entrevistado 2: Ah é mesmo...

Entrevistado: Fazia em casa.

Entrevistado 2: Ah é mesmo, nossa, eu tô doida... fazia em casa.

Entrevistador 2: Quê que comprava na rua então? Sal?

Entrevistado: Era sal, querosene...

Entrevistado 2: E trigo...

Entrevistado: Trigo... mas isso é algumas famílias, lá em casa num chegava isso não.

Entrevistado 2: Mas a gente sempre tinha trigo por causa do macarrão, né? pra fazer o macarrão tinha que ter ao menos um pouco de trigo, né?

Entrevistado: Sim, nós sempre tinha um pouquinho.

Entrevistador 2: Mas então era só o querosene?

Entrevistado: E (inint 55:50) eu comprava lá pra fazer em casa.

Entrevistador 2: A fazenda inteira, né?

Entrevistado: É... pra fazer em casa.

Entrevistado 2: Jesus amado, (inint 55:57)

Entrevistado: Mas você num vendia nada... a não ser o café... só. Que era baratinho.

Entrevistador 2: E o café... o café plantava como?

Entrevistado: Olha, de primeira... num é igual hoje. De primeira derrubava mata... e tinha muita mata, então tinha que abrir o espaço pra plantar. E sempre tinha no cafezério... saía muita muda. Eles rancava aquelas muda e saía plantando... formal o cafezal.

Entrevistado 2: E tinha muito

Entrevistador: E aí descia isso no lombo do burro?

Entrevistado 2: Não, depois a gente fazia tudo é... deixava ele secar todinho... aí eu ia com a vara lá.

Entrevistado: É... pra panhar o café... pra panhar

Entrevistado 2: Aí depois trazia pro terreiro, aí tinha um buraco grande, fundo assim... pro café (inint 56:50) Aí depois os pessoal começou um monte de burro a subir lá.

Entrevistado: (inint 56:57)

Entrevistado 2: Já com.. que lado?

Entrevistado: Nada... no coco.

Entrevistador 2: No coco?

Entrevistado: No coco. E naquele tempo... hoje eles vem tudo em saca, né? hoje. Naquela época vendia-se no...

Entrevistador: No balaio?

Entrevistado: Não. Dois alqueires, oitenta litros. Dois alqueires.

Entrevistado 2: (inint 57:14)

Entrevistado: Dois alqueires... que a gente falava na época um saco de café... era dez reais. Quando subia era quinze.

Entrevistador: em coco?

Entrevistado: Em coco. (inint 57:25) então é tudo barato... ..E aí num fazia outra coisa, você num vendia nada

Entrevistado 2: (inint 57:36)

Entrevistado: Ovo... o ovo era tão baratinho. A dúzia de ovos era dez centavos... nem isso.

Entrevistador: Todo mundo tinha então não tinha nem pra quem vender, né?

Entrevistado: É. Num tinha.

Entrevistado 2: Papai até pimenta ele plantou... aquela pimenta/aquela pimenta preta... como é que chama ela?

Entrevistado: Pimenta do reino.

Entrevistado 2: Pimenta do reino. Ela dava aqueles cachinhos assim...tão bonitinho. Ele plantou um espantalho assim... aí tinha um pau no meio, né? ali elas subia... os galhos subia, né? (inint 58:08)

Entrevistador: Mas plantava pra... pra espantar as coisa também ou plantava só pra comer?

Entrevistado 2: Só plantava mesmo pra cá... mas ele dava muito isso pros outros...

Entrevistado: Aquele que num tinha... o outro tinha... então ia dividindo pra um e pra outro.

Entrevistado 2: É... papai era assim: se a pessoa falasse que num tinha, acho que em todo lugar ele era assim, ele dava.

Entrevistador: E aí na roça tinha/cada um tinha seu burro ou...

Entrevistado: É... quem era dono de terreno tinha seu animal pra andar, agora os meieiros não, num tinha, né?

Entrevistador: Aí no caso, na casa de vocês...

Entrevistado 2: Na minha casa tinha.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado 2: Nós tinha... sempre tinha três. Porque e/os meninos quando saía eu tinha que ir junto, né?

Entrevistador: Aí tinha os burrão?

Entrevistado 2: Aí tinha os cavalo. Burro não.

Entrevistador: Não, burro não... cavalo.

Entrevistado: Cavalo.

Entrevistado 2: Cavalo. Eu tinha um cavalo boniito. Mas também a gente andava que chegava a voar os cabelo da gente pra trás. Eu queria montar num cavalo hoje ainda, mas eu acho que eu vou montar dum lado e cair do outro (risos)

Entrevistado: Você não tem mais coluna pra andar a cavalo.

Entrevistado 2: Não tenho. Não tenho mais nada pra andar a cavalo, mas era uma maravilha. E você sabe que antigamente os jovens num é mais igual. Nós tinha uma turma de jovem da minha época... que nós ia na/na/nós ia em tudo quanto é lugar. Aí pra ir na igreja... nós tinha igreja pertinho de casa... Não, do ministério público lá em Pon/em/em...

Entrevistado: Pontal.

Entrevistado 2: Pontal. “Ah, mas tudo lá. Vão? Vamos juntar os jovens tudo e vamo a cavalo?” Aí, pronto. Juntava tudo... aí um passava...

Entrevistador: Aí ia cedinho...

Entrevistado 2: Saía cedo e ia aquela remessa de cavalo... uma passava pelo outro e lá ía aquele trem. Aí depois acabava/aí fomos na missa e no curso... depois quando voltava outra vez... aí vinha embora, vinha embora. Mas era maravilhoso. Nós brincava de ovo choco, nós brincava de peteca.

Entrevistador: Quê que é ovo choco que eu não sei?

Entrevistado 2: Você fazia uma roda assim, aí tinha um/um/aí tinha um fora, né? aquele tinha um... num pegava ovo não, né? a gente fazia um negócio assim... ovo...

Entrevistado : Tipo um bolo de/de/de...

Entrevistado 2: Tipo um ovo assim...

Entrevistador: De barro?

Entrevistado 2: De barro. Aí a gente ia passando, passando, passando. Aí a gente chegava pertinho assim, aí a gente tinha acabado de passar. Se ela visse, ela passava a mão logo e aí ela vinha pra roda e eu ia pro lugar dela. Aí se a pessoa não visse, aí

quando eu chegava lá tava lá ainda, aí eu pegava de novo... aquele que/que... tinha que entrar no meio da roça.

Entrevistador: E isso que idade que a senhora tinha?

Entrevistado 2: Ah... acho que quinze, dezesseis anos por aí... nessa idade.

Entrevistador: Já era mocinha já/já. E isso depois do/do culto?

Entrevistado: Não... era fora dele. Juntava a rapaizada... a noite assim no terreiro.

Entrevistado 2: Essas brincadeira... isso era no domingo lá pras meio dia, quando ninguém num tinha nada... outras coisa pra fazer. Juntava...

Entrevistador: Juntava os vizinhos, os colegas

Entrevistado 2: Juntava... tudo junto. Falava “domingo nós vão fazer uma brincadeira aqui, nós vamo jogar uma peteca, nós vamos brincar”. Aí nós juntava tudo.

Entrevistador: E quantos dava? Quantos meninos dava?

Entrevistado 2: Uns trinta assim, tinha vez que dava vinte. Tinha sempre aquela remessa que num queria vir, agora pra andar a cavalo tinha muitos. Meu Deus do céu, quando eu lembro disso me dá uma saudade disso. Muito legal mesmo. Mas depois, quando mudamos pra Itaguaçu, meu irmão foi trabalhar em carreta, né? (inint 01:01:58)

Entrevistado: Eu já fui diferente.

Entrevistado 2: É... ele já foi...

Entrevistado: Eu gostava de brincar, gostava de cantar muito.

Entrevistado 2: Nossa, meu irmão...

Entrevistador: Mas cantava em...

Entrevistado: Em dupla, né?

Entrevistador: Mas aí música brasileira já?

Entrevistado: É... sertanejo, caipira mesmo.

Entrevistador: Uhun

Entrevistado 2: Meu irmão ele foi (inint 01:02:20) com vinte e quatro anos.

Entrevistador: Aqui?

Entrevistador: Lá embaixo, morava lá na beira do rio. (inint 01:02:32) a maior coisa que eu já tive na minha vida. Deus me livre. Aí depois... casou o outro, aquele também... mas aquele ficou doente na época. Antigamente a gente num achava remédio pra... (inint 01:02:48) tirava água sempre, aí depois “não, você vai ter que internar”. Aí

internava ele lá na... clínica onde ele ficou. Ficou nove meses lá. Mas num teve jeito, porque teve que operar, tirar um pulmão. Nossa.

Entrevistador: E... mas antes disso, quando tava começando, vocês num chegava a levar pra rezar, pra...

Entrevistado 2: Sim, xii... a minha mãe rezava também. A minha mãe reza/fazia muita simpatia pra tiriça, num tem a tiriça?

Entrevistador: De criança, né? recém-nascido?

Entrevistado 2: Agora tava dando depois de um tempo tava dando nos adultos também, né?

Entrevistador 2: O quê que é isso?

Entrevistador: (inint 01:03:33)

Entrevistado: (inint 01:03:34), né?

Entrevistador: É uma doença do fígado.

Entrevistado: É. Hoje eles também até fala hepatite num sei o quê.

Entrevistado 2: Hepatite.

Entrevistador 2: Ahhh, hepatite.

Entrevistado: Aí dava uma amarelão na pessoa.

Entrevistado 2: A mamãe ia num pé de árvore, na berada da piscina, ia com umas pessoas lá, falava dela lá. E num é que melhorava?

Entrevistador: Pois é, né? isso que...

(inint 01:03:58) ((transposição de vozes)

Entrevistado: Mas é a coisa que o próprio Jesus fez, tinha que ter o dom.

Entrevistado 2: Menina, mas eu vou te falar... melhorava meesmo, depois começou a vir gente até lá de (inint 01:04:24)

Entrevistador: Olha só.

Entrevistado: O pastor aqui é/é... ele tá estudando particologia, né? então ele estuda a mente da pessoa. Então a gente acompanhou a palestra que ele passou pra nós. Aí a gente veio entender por quê que/da onde vem o dom da pessoa, né? vem da mente da gente.

Entrevistador: Uhun. Com certeza.

Entrevistado: É aquilo que a mãe dela... ela sabia também.

Entrevistador: De que família que ela era? Desculpa, eu não guardei.

Entrevistado 2: Mamãe? (inint 01:04:54)

Entrevistador 2: E como é que chamava o pai da senhora?

Entrevistado 2: Meu pai?

Entrevistador 2: É

Entrevistado 2: Henrique... Henrique (inint 01:05:09)

Entrevistador 2: É esse eu já tinha anotado

Entrevistador: Aí ela rezava tanto pra tiriça como pra ...

Entrevistado 2: Só pra isso ela rezava.

Entrevistador: Espinhela caída?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistado 2: Não. Ela só tinha aquele pra fazer pra tiriça

Entrevistado: E tem uma coisa... era tão poucas palavras que ela fazia.

Entrevistado 2: Menino tava com a barriga inchada chorando, chorando, chorando... aí ele pegava o neném no colo, ia lá, deitava ele lá e fazia uma simpatiazinha assim. (inint 01:05:35)

Entrevistador: Com o quê? com um minutinho que fizesse...

Entrevistado 2: É, mas eu num sei... sei lá. Eu num acreditava muito, né? até hoje eu não sei... mas da mamãe dava certo, Meu Deus.

(inint 01:05:55) ((transposição de vozes))

Entrevistador: E o neném dava o que pra ele tomar? Ou num tinha necessidade? Dali já tava...

Entrevistado 2: Já tava bom com aquela simpatia que ela fazia no neném. Mas aquilo eu acho assim... hoje em dia é (inint 01:06:20) Mas a mamãe barriga inchada ela falava que era ar preso, mas era mesmo. Batia na barriguinha do bichinho

Entrevistado: Num é que eu era um curandeiro?

Entrevistado 2: Ah é mesmo... que seu tio mandou você matar o boi, não?

Entrevistado: Não curar o boi (rs)

(inint 01:06:45) ((transposição de vozes))

Entrevistado 2: Queria saber direito quem é que veio primeiramente em Itaguaçu, quem fez a primeira casa.

Entrevistado: Ah, bom, isso aí só vendo lá na história.

Entrevistado 2: Isso aí é muito difícil...

(inint 01:07:04) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Aí eu falei: eu vou curar a bexiga desse bezerro. Peguei três folhas diferente, botei em cruz, né? peguei uma pétala... aí o bezerro tirou o pé e eu botei no rastro dele. E aí eu esqueci... nem lembrei daquilo mais. Passou três dias, aí eu lembrei. Quando lá vou ver o bezerro num tinha secado.

Entrevistador 2: Que ótimo (rs)

Entrevistador: Três folhas em cruz em cima do rastro?

Entrevistado: É. Pegar onde o animal põe o pé... botar ali e por uma pedra em cima.

(inint 01:07:47) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Aí eu fui... fui lá ver e tava seco. Quando eu voltei aqui pra ver a folha, já tava bem murchinha mesmo quase secando. Aí eu falei: será que é algum/tem alguma (inint 01:08:10) Aí fazia sempre, né? sem ninguém falar nada eu fazia por minha conta. Aí um dia falou: Ah pegou a minha vaca lá, num sei o quê, precisa curar mas eu tô com medo.... Ah vai curar nada não sô, vai sarar sozinho, eu falei. E fiz aquilo. Aí passou um dia, no outro: uai, mas a minha vaca já tá quase pronto. Eu nem falei nada também não. Aí num sei como é que surgiu aquela conversa... O meu tio, que a gente morava a meia com ele, né? ele tinha um boi de raça muito grande, naquela época tinha/tinha sempre um boi de raça no pasto.

Entrevistador: Uhun

Entrevistado: era um boi grande, devia pesar uns três... uns... vinte cinco arroba, por aí afora. Era grandão mesmo. E deu bicho no umbigo dele. E derrubava aquele boi, quebrava lata, machucava aquele boi... duas vezes nada. Aí ele descobriu que eu fazia aquilo chamava “tava fazendo feitiçaria aí”. Mas era contra... muito contra mesmo. Aí quando chegou naquele dia ele foi pedir pra mim fazer lá. Uai, (inint 01:09:32), você um acredita na minha feitiçaria, vai dar certo não.

(risos)

Entrevistado: Num vai dar certo, você num acredita... Eles vão furar seu boi, do jeito que tá furando. Daqui a pouco vai matar o boi lá. “Ah, mas podia ver porque o boi é muito pesado e pra derrubar”... tinha que derrubar, né? marrar ele todo... tinha que derrubar, né? Tudo bem, eu vou tentar, mas num vou garantir nada porque você não tem fé. “Não, faz, faz, faz”. Tá bom. Naquele mesmo dia ele falou: “mas você num vai olhar nada não. Deixa o boi pra lá”. Não, mas e daí... então você não tem fé eu num vou

fazer... Eu falava por besteira, né? nem sei porque que aquilo dava certo. Ou se tava dando certo mesmo, se era aquilo mesmo (rs) Aí eu... naquele dia mesmo... tá bom vou tentar. Naquele dia eu peguei fiz aquilo, né? e deixei o resto do dia, no outro dia, no outro dia depois de meio dia eu fui lá ver... e ela já tava secando. Tá bom. Falei: num vai olhar seu boi, não. “Não, mas e se/e se tiver...” Falei: não, então você num tem fé. Num vai olhar. Se você olhar, vai voltar tudo outra vez. Aí ele desconfiou assim... passou cinco dias. Quando foi lá ver já tava tudo seco, num tinha nada. Agora tem explicação pra isso? Num sei. Nem eu sei... mas fazia.

Entrevistador: Mas num precisa, né? a gente as vezes busca explicação pra uma coisa que num/num/num precisa.

Entrevistado 2: É... pra coisa que a gente nem pensa, né? Ah eu sei lá... tem hora..

Entrevistado: É igual fazendo rapadura... tem coisa que você num vai escrever não, viu?

Entrevistador 2: Tá jóia (rs)

Entrevistado: Pai levantava três horas da manhã, andava loonge (inint 01:11:17) aqui em cima. Pegava boi lá no pasto, botava, pra moer/moer/moer a cana... Saía a garapa a gente já tomava a garapa saindo dali. De manhã, já pensou, garapa? tudo bem. Aí cinco horas da manhã já tinha garapa quente... a gente bebia garapa, né?

Entrevistador: Hunn.

Entrevistado: E lá vai... daí a pouquinho o melado, aí tinha o puxa puxa. É, gente...

Entrevistador: Era dor de barriga na certa.

Entrevistado: Dor de barriga que nem o cachorro ficava perto de mim não. (risos) Mais soltava um gás tão bravo... mas deu um destempero. Mas eu tinha que rir, minha filha. Gostava de fazer sacanagem. As vezes o pessoal tava conversando assim, chegava perto como coisa que não queria nada, né?... .. aí a fumaça levantava... .. Aí falava assim: “lá vem o desgraçado pra cá outra vez”.

(risos)

Entrevistado 2: (inint 01:12:24)

Entrevistado: No meu tempo... ela contou o tempo dela lá no lugar dela. No meu tempo era... eu gostava muito de cantar. Eu comecei a cantar no carnaval, aquelas marchinha... sozinho. Ouvia e cantava aquilo. Aí já fui crescendo... tava com quatorze anos, mais ou menos. Aí tinha um colega de/vizinho nosso... trabalhava num morro, ele no outro. Daí ele cantava lá... eu cantava aqui. E aí nós começamos junto cantar... aí formamos uma dupla, nem sei como é que surgiu. Fazia aquelas dupla caipira... primeira e segunda voz... e aí começamos a cantar.

Entrevistador: Quem tocava violão?

Entrevistado: eu. Aprendi a bater corda lá... tocar não, só bater corda. E aprendi a bater corda... e nós cantava. Sentava no (inint 01:13:18) lá em casa.. tinha um toco de pau, uma tora de pau assim... e lá nós cantava até dez horas da noite. E os vizinho... morava longe, né? ficava ouvindo: “Ah, eu ouvir você cantar essa noite”. Quando num era lá em casa era na casa dele, lá nós sentava em cima do engenho e ficava igual curuja cantando em cima do toco. E aí nós formamos assim um... aí tinha um corona que tocava cordião muito bem. Aí nós começamos a cantar junto... Aí nós era o... eu e meu companheiro cantando e o outro tocava cordião.

Entrevistador: E ele era de que família?

Entrevistado: Ele era italiano... família dele era italiana

Entrevistador: Italiano.

Entrevistado: Aí nós começamos a cantar... aí nós cantava em casa saímos bem. Aí quando foi um dia num sei como é que aconteceu lá aí eles viram nós cantar e tocar. Aí eles começaram a chamar nós pra tocar em baile. Aí pegou.

Entrevistador: Baile de casamento?

Entrevistado: Baile de casamento, baile... de primeira na roça, hoje fala forró, naquela época era baile,né? começava sete horas e acabava no outro dia sete horas. E ali nós tocava quase noite inteira, tocando e cantando...

Entrevistador: Dentro de casa... no salão?

Entrevistado: No salão.

Entrevistado 2: No salão... pessoal dançando.

Entrevistado: Pessoal dançando... e aí nós ficamos famosos, né, Milinha?

(rs)

Entrevistado 2: Aí meu irmão era tocador... aí nós chamamos ele... ... aí quando foi de madrugada (inint 01:14:49) Aí papai começou a soltar foguete, aí meu irmão até chorou... o mais novo. (inint 01:15:07)

Entrevistado: Mas apesar da pobreza...

Entrevistado 2: Mas eles tocaram a noite toda.

Entrevistador: Mas no casamento?

Entrevistado 2: no casamento.

Entrevistado: Apesar da pobreza... da pobreza assim... da falta de dinheiro que tinha... graças a Deus.

Entrevistador: Num tinha dinheiro no banco, mas num faltava nada.

Entrevistado: Fatura tinha... num tinha dinheiro pra comprar as coisas que precisava, mas comprava fiado. Aí panhava o café e entregava pra pagar o fornecedor.

Entrevistador: E num voltava quase nada de dinheiro?

Entrevistado: voltava muito pouco ou quase nada...E assim a minha juventude foi muito boa. Graças.... eu fui muito ligado a música... fazia bobagem. Quando num tinha nada pra fazer, saía pela estrada a fora cantando eu e meus companheiros.

Entrevistador: Mas num quis aprender sanfona nem concertina?

Entrevistado: É... ele tocava concertina, mas depois ele comprou um acordeão e deixou a concertina e foi tocar cordão.

Entrevistador: O seu companheiro?

Entrevistado: É.

(inint 01:16:20) ((transposição de vozes))

Entrevistador: Eu fui há muito tempo em Baixo Quartel

Entrevistado: Lá era famoso lá

Entrevistador: É

Entrevistado 2: Mas agora quase todo domingo tem... hoje eu num sei nem onde vai ser. Mais eles vão... aqueles velhos cantam... os velhos dançam

Entrevistado: Deixa eu falar um pouquinho da/da/do coisa... deixa os velho pra lá porque eles já dançaram. Aí fomos chamados uma vez lá em (inint 01:16:56)... uma vez não, várias vezes. Nós embarcava numa lotação... que era um ônibus/ microônibus aí o motorista “vai lá pra trás e vai tocar”. E num cobrava também... num tinha miséria. (inint 01:17:11) Aí nós ficamos tocamos... aí um dia tinha um homem lá... e o cunhado dele. Aí ele falou: “oh, vou levar vocês hoje lá em Aimoré”... quê que nós vão fazer em Aimoré? “Vocês vão tocar numa rádio lá. Eu pago tudo”. Aí tudo bem. “tal dia vocês vem aqui que nós vão pra lá”. Aí nós pegamos cedo o ônibus pra (inint 01:17:38) dali nós embarcamos num trem e fomos até Aimoré. Chegamos lá era umas nove horas... “vão tomar café”. Nós quatro, mais os dois... seis, aí tinha mais gente. Aí juntou as mesas e aí comemos... o cara pagou tudo. Daí a pouco o dono do bar veio: “você trouxe esses menino aí pra tocar?” “trouxe eles pra dá uma tocada na rádio”. “Ah é mesmo? Que bom! Vocês podia tocar aqui” Ah eu.. aí o homem que levou a gente falou assim: “vocês toca?” Aí o Pedrinho falou: “toca”.Aí nós tomamos café, ele tirou a sanfona de dentro da caixa, tirei o violão do saco e aí nós começamos a tocar e cantar. E aquilo foi juntando gente, juntando gente, e eles pagando a bebida, e nós bebendo, aí foi fazendo festa. Chegou um criolinho baixinho assim... entrou no meio e ficou assanhado no meio de nós lá. E aí num sabia o quê que era. “Já passou quinze minutos de/de/de/de vocês

cantar na rádio, vão gravar.” Aí nós fomos a pé que era pertinho. Aí chegou lá ele falou com o homem lá, dono, sei lá quê que ele era: “oh, tá atrasado aqui que eu tava com eles”, “não num tem importância não”. Aí nós começamos a cantar, tinha dois assim cantando junto uma voz muito grave... aquele trem. E nós tinha uma música que nós cantava numa altura... uma música assim mais engraçada. Aí nós entramos cantando numa altura aquele trem lá (inint 01:19:09) Aí quando nós começamos a cantar aquele trem forte assim... todo mundo assustou, nó, e ali nós ficamos uma hora e meia.

Entrevistador: Cantando na rádio?

Entrevistado: Cantando na rádio... E aí depois viemos saber, logo depois, que aquele que entrou ali ele era um sargento reformado, ele era o maestro musical da banda de Aimoré. Chegou ali, encontrou nós ali, ficou lá com nós toda vida.

Entrevistador: e vocês chegaram a ir no norte também/

Entrevistado: Não. Norte não.

Entrevistador: Aqui pra... São Gabriel, Vila Pai/Vila Pavão?

Entrevistado: Não... nós fomos até Colatina só. Aí veio um... aí nós ficamos lá uma porção de vez/de tempo... fomos lá umas seis vezes em Aimoré. Aí veio um rapaz lá de Valadares, viu a gente, né? nós embarcava no trem ia até (inint 01:20:08) tocando, cantando... num tinha miséria não. Aí veio um de Valadares falou: “vim tra/vim buscar vocês... vocês vão assinar um contrato pra ir tocar na rádio de Valadares, porque eu sou de Valadares. O salário de vocês é esse. E eu vou fazer tudo pra ajudar vocês lá. Vocês vão tocar forró, vocês vão fazer propaganda na/na porta das lojas, vocês não vão ficar parado não. Vocês vão ganhar mais ou menos uns seis mil cruzeiros”, naquela época. Aí o Pedrinho falou: “ah, mas eu num posso sair não porque eu num posso deixar meus pais.” Falei vamos experimentar pelo menos um mês, quê que tem? Mas aí ele não quis e nós num fomos... Chamaram a gente pra Colatina, na rádio em Colatina. Aí chegou lá nós tava esperando a vez, né? chegou o diretor da rádio: “vocês vieram tocar aqui?”. Aí o Pedrinho falou: “fomos chamados pra tocar, eu nem sei como é que é a ideia.” “Você toca por música?” Aí ele falou: “não, ah, pra tocar assim é ruim, num sei o quê”. Oh, se num puder nós vão embora. “Não, vocês tão aqui, vamos tocar”. (inint 01:21:20) se o problema for esse tá resolvido. Tô aqui por que nós fomos chamados... .. Aí chegou na hora da gente começar lá o... o programa, né? e tinha aquela música de chamar atenção, né? Quando nós saímos do/do... porque dentro dessas AM fica dentro de um estúdio, né?

Entrevistador: Uhun

Entrevistador 3: É fechado.

Entrevistado: Aí fica lá...

Entrevistador 3: O estúdio é fechado.

Entrevistado: Aí quando nós saímos do estúdio, o diretor da/da rádio falou: “o problema é de vocês”. Eu falei: não, eu não sei tocar com música... ... “É uma pena vocês não querer, porque eu acho que melhor que vocês aqui num tem não.”... ..

Entrevistador: E como é que era/como que vocês eram conhecidos? Tinha o nome da dupla?

Entrevistador 2: O trio

Entrevistador: É... o trio.

Entrevistado: era um quarteto, né?

Entrevistador 2: Ah era um quarteto.

Entrevistado: Era um quarteto... que era dois irmãos, né? dois... o irmão dele era panderista mais ele, né? Olha, era Coronas, na época... Os Coronas... Igual hoje tem aquele grupo do/dos Santanas, né? (inint 01:22:28)

Entrevistador 3: Antigamente chamava esses/chamava es/chamava Regional, né?

Entrevistado: É... e aí era “vão chamar Os Coronas pra tocar”

Entrevistador: E que idade que o s/que vocês tinham?

Entrevistado: Hen?

Entrevistador: Que idade que vocês tinha?

Entrevistado: Ah eu tava com dezesseis anos, por aí. Quinze... começamos novo. Nossa senhora...

Entrevistador: Tem o quê? uns dez anos isso?

Entrevistado: Tem mais de quarenta

Entrevistador: Não, não, vocês tocaram seguido uns dez anos?

Entrevistado: Ah é... uns dez anos... ..Mas nós ensaiava sete dias por semana,

Entrevistado 2: Eles ia todo dia ensaiar...

Entrevistado: Todo dia.

Entrevistado 2: Cantava todo dia.

Entrevistado: Aí quando num tinha baile assim... eu mais o companheiro... só o da dupla, né? saía pela estrada fora cantando lá...

Entrevistador 3: Gostava de cantar, né?

Entrevistador 2: Oh, beleza...

Entrevistado: Chegava na porta assim... a casa até longe da/da/da estrada, né? Tinha uma música que era (inint 01:23:25)

Entrevistador 3: Fazia serenata?

Entrevistado: Fazia.

Entrevistador 3: Nessa época o pessoal usava das serenatas (risos)

Entrevistado 2: Que música que era?

Entrevistado: Eu e a Lua... ... Letra bonita...

Entrevistador: E aí como que era... o pessoal ia fazer casamento, por exemplo, e chamava vocês?

Entrevistado: Chamava. Olha tinha/nós ia na quinta-feira, igual nós fomos lá pra casa da (inint 01:24:00) na quinta-feira. Aí até meia-noite tocava, dançava... aí chegava a hora “agora é hora de dormir”. Agora...

Entrevistador: Mas isso mais de casamento dos/dos italianos mesmo?

Entrevistado: Dos pomeranos,

Entrevistado 2: Dos pomeranos.

Entrevistador: Dos pomeranos também?

Entrevistado: É. Dos italiano mais era no dia mesmo...

Entrevistador: De dia?

Entrevistado: É. Aí... passava a meia noite todo mundo ia dormir. Quando dava... na sexta-feira de manhã nós já acordava o povo tocando... ...

Entrevistado 2: Aí o pessoal tudo levantava (inint 01:24:29)

Entrevistado: Tocava a noite inteira. Aí pegava os animais e já ia tocar em outro bairro... nós chegava em casa dia de domingo era onze/uma hora, duas horas.

Entrevistador: Aí era... na sexta-feira o baile do casamento?

Entrevistado: Baile do casamento. Na/no sábado...

Entrevistador: No sábado

Entrevistado: Era outro baile lá que eles fazia que eles cobrava a entrada.

Entrevistador: E durante o dia inteiro o povo ia comendo e vocês ia tocando?

Entrevistado: Não, aí nós deixava pra aqueles outros ir tocando... porque cada um tocava gogó, mas na hora de pegar no baile mesmo era nós.

Entrevistador: Já de noite?

Entrevistado: De noite.

Entrevistador: De sete as sete?

Entrevistado: De sete as seis... dependia... tinha vez que era mais cedo... Aí tinha aquela música: Companherada agora é hora da partida... ihh... pronto era o fim do baile mesmo.

(inint 01:25:27) ((transposição de vozes))

Entrevistador 2: Canta mais pra gente, Ernesto. Você canta só a primeira frase (risos)

Entrevistado: Aí eu vim pra Itaguaçu... fiquei aqui perdido igual uma abelha sem mestre... .. Aí depois foi juntando colega, foi juntando, foi juntando... aí ia pro jardim ali, num tinha televisão pra atrapalhar. Televisão hoje atrapalha, num tem nada. Tudo ruim. Ali nós ficava planejando, contando piadas, ficava brincando, aquelas coisa toda. Tinha dia que tinha um teatro... teatro paroquial que falava... ele continuou, depois o padre foi embora ele acabou.

Entrevistador: Aí ficava dentro da igreja da/da/da casa paroquial ou do salão paroquial?

Entrevistado: Naada... aquilo ficava guardado lá. Vai escutando como é que era. Era difícil fazer, mas a pessoa fazia aquilo com muito amor... Aí nós/ num sei quem teve a ideia “vão/vão nós levantar o teatro paroquial?”... aí todo mundo “ah vão, vão”. Aí no outro dia levantamos ali fomos lá na casa paroquial. Cheguei/chegamos lá era um padre que gostava muuito de teatro e de música paroquial. Ele era ligado meesmo. No teatro então. Aí chegou, né? “oh, padre, nós viemos aqui ver se nós consegue levantar o teatro paroquial”. “Oh, moço, mas vocês tem uma ideia boa. Vamos!” E deu força... Depois que fala o pastor e o padre eles tem muita força num lugar, se eles quiser levantar as coisas levanta. Num é ficar atrás de/de coisa... fazendo missa, missa, missa. Isso pra mim é muito importante, é bom. Mas a coisa mais importante é fazer um trabalho social ou cultural dentro da igreja. Aí ele falou Nossa Senhora. Aí ficou como é que nós vão fazer, como é que não vai. Aquela coisa toda... Aí o padre falou: “mas nós temos que trabalhar em cima de alguma objetivo.” Um falava uma coisa... eu sempre falei menos, gostava mais de ouvir, né?eu ficava ouvindo os outros e ficava mais calado. Eu também dava as minhas peruadazinhas. Aí um falava um trem num dava certo, outro também não, aí ele mesmo falou: “por que que nós num”... ele gostava muito de música “num vão trabalhar com o objetivo de comprar um instrumento e montar uma banda?” Foi na hora, todo mundo pegou, abraçou... E aí começamos. Fazia leilão, e saía/fazia teatro fazia por aí afora.

Entrevistador: Teatro o que que vocês encenavam?

Entrevistado: Há várias peças, várias. Na semana santa nós tinha uma peça... ainda tem uma nós levamos agora é “a corte do perdão”, eu faço parte também. Aí pronto, aí eu enganjei naquilo ali.

Entrevistador: Isso... desde que o senhor era novo, sempre tem alguma coisa?

Entrevistado: Sempre. Desde que eu me lembro... nessa cultura aqui.

Entrevistador: Tanto na católica quanto na luterana?

Entrevistado: Tudo

Entrevistado 2: A nossa igreja luterana é bem chegada a ()

Entrevistado: O grupo de teatro formado naquela época era metade luterana metade po/é... católica.

Entrevistador: Quando apresentava numa apresentava na outra?

Entrevistado: Num tinha isso não. Era coisa separada da igreja. Era um grupo que tinha seu estatuto.

Entrevistador: Então só... a primeira história foi quando vocês foram lá conversar com o padre, mas aí depois acabou ganhando vida própria?

Entrevistado: Ganhou desde aquela época. O padre dava apoio, né? gostava muito disso então dava apoio.

Entrevistador 2: O pastor também dava apoio?

Entrevistado: Não, porque naquela época era difícil porque tinha um pastor só pra mexer com muita comunidade...

(inint 01:28:55) ((transposição de vozes))

Entrevistador: E aí vocês se apresentava na praça?

Entrevistado: Não, a gente tinha esse... agora virou teatro, né?

Entrevistador: Ali do lado?

Entrevistado: aí nós ensaiava assim nas casa da gente, no salão, nós ensaiava muito ali onde que era antigamente o clube. Ali a gente ensaiava ali as peças, né? aí depois conseguimos um salão ali em cima. Pra gente apresentar no teatro aqui a gente tinha que alugar o teatro. Era cinema naquela época. Alugava, tinha que alugar uma semana... aí tinha que limpar tudo lá porque tava tudo parado, né? pra apresentar... e as vezes (01:29:43) até hoje. Na igreja coral, fui presidente de paróquia seis anos, fui presidente da comunidade quatro anos, e ainda sou vice presidente ainda. E... por aí... tá na hora de pendurar a chuteira já.

Entrevistador: E tem coral de metais também aqui/

Entrevistado: Não, num tem

Entrevistador: Nem os meninos num se interessa?

Entrevistado: Começaram lá em Palmeira mas num... o pastor Valdemar que fez. Ele era muito entusiasmado, ele era não... ele é... em música.

Entrevistado 2: Tão querendo né?

Entrevistado: É, mas eles já tentaram duas vezes (inint 01:30:21) porque quem num sabe tocar instrumento de soffro acha que tem que botar força

(inint 01:30:28) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Eu gostava e ainda gosto de violão, mas eu fiquei com esse dedo principal aqui ó... ... a serrinha pegou daqui e veio parar aqui. E ai perdeu... eu faço alguma coisa ainda com três dedos que eu posso fazer (inint 01:31:24)

Entrevistador: Aí o senhor chegou a aprender a tocar algum metal, não, né?

Entrevistado: Não. Olha, instrumento de ponto ou tecla... nem de metal também não. Eu estudei musica um ano pra tocar clarinete, né? mas era tão caro que num tinha como comprar...

(inint 01:31:50) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Instrumento de sopro você tem que comprar um bom ... porque tem aqueles que você tem que botar um compressor pra sair o som...

Entrevistado 2: A gente ainda vai perguntar uma pessoa talvez mais antiga pra ver se ele lembra quem foi o primeiro que veio morar aqui.

Entrevistado: É mais isso tem que ser lá na prefeitura.

Entrevistador 2: Ou de repente o pastor Valdemar, ne? Nós vamos tentar conversar com ele... será que ele num sabe?

Entrevistado: Não. Porque isso já tem/já foi/já vai fazer noventa... noventa e sete noventa e oito anos de emancipação política, né? porque antes já existia o patrimônio, que era rua Palmeira... essas coisa.

Entrevistador 2: Já tinha antes então

Entrevistado: Já tinha... nossa isso aí não. Isso aí só lá na prefeitura que sabe da história.

Entrevistador 2: E tem alguma livro da história da cidade?

Entrevistado: olha... eu num sei... se tem eu num tive acesso não.

Entrevistador: Mas aqui da comunidade mesmo o senhor ou alguém nunca se preocupou de escrever?

Entrevistado: Não, sobre a prefeitura não.

Entrevistador: Não, sobre tudo... as famílias de vocês, sobre a colonização daqui.

(inint 01:33:33) ((transposição de vozes))

Entrevistador 2: é porque ontem eu tava andando pela cidade observando a diferença de Itaguaçu pras outras cidades que a gente foi. E eu achei que Itaguaçu já existia quando os pomeranos chegaram em Palmeiras. E o senhor meio que me confirmou isso, porque o senhor falou que já tinha o patrimônio da igreja Nossa Senhora da Boa Família.

Entrevistado: Vieram aqueles coronéis aqui na época e remataram, não como é que é? tomava posse daqueles terrenos aí começou os negócios dos escravos.... e você pode olhar que tem rua essa aqui Rua Coronel Marconi de Sousa...

Entrevistador: que foi prefeito/que foi governador?

Entrevistado: Não. Num sei que que foi, mas era um/um... e tem outra Coronel Martins Barbosa de Meneses, eles era coronel, coronel porque o estado era muito pobre e num tinha como policial botar polícia. Então eles compravam uma patente de coronel... aqueles que tinha muito dinheiro comprava uma patente de... major sei lá o quê

Entrevistador 2: O coronel é o mais de todos.

Entrevistado: É né... então todos esses fazendeiros comprava essa patente e aí eles podiam mandar... e eles mandavam. E cada eles.../cada coronel lá tinha seus capangas... tinha lá ... eles era os policial deles.

Entrevistador 2: Mas então já existia mesmo... quantos anos tem a cidade que o senhor falou?

Entrevistado: tinha uma emancipação... foi feita a emancipação política em mil novecentos e quinze. Quantos anos tem? Dezesete de fevereiro de mil novecentos e quinze.

Entrevistado 2: dezesete de fevereiro tem até o... o

Entrevistador: a festa da cidade.

(inint 01:35:38) ((transposição de vozes))

Entrevistador: A festa do município é quando?

Entrevistado: dezesete de fevereiro

Entrevistador: Mas aquela festança toda que tem rodeio

Entrevistado: Aquilo faz em qualquer época mesmo.

Entrevistador: Num é em fevereiro então não?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistador 2: Essa festa da cidade acontece alguma coisa de tradição pomerana ou não?

Entrevistado: Não.

Entrevistador 2: Nada, né? tem alguma festa que tem tradição pomerana na cidade?

Entrevistado: O ex prefeito ele começou a levantar cultura do povo... a cultura alemã, pomerana, africana e/e/e/ portuguesa. Implementou... ele ficou seis/sete/se anos aqui. Primeiro pra/porque num tinha nem como começar... aí chamou a igreja tudo direitinho, né? Aí o quê que acontece? Usou as escolas... os colégios. Num tinha quem fazer... então ele buscou de fora... os folclóricos, por exemplo, em Santa Maria, Alto da Tiboca e outros mais por aí. Aí apresentamos ali... ficou dois anos fazendo isso. Aí falou: agora temos que andar com as nossas próprias pernas, já vimos como que era. Aí fez reunião com as professoras e tudo... Aí eles começaram a fazer com as crianças aqui. Com os alunos, né? desde as crianças até aqueles jovens, né? Mas era tão bonito, tão bonito, tão bonito.

Entrevistado 2: Tinha as danças folclóricas.

Entrevistado: Aí tinha as danças pomeranas, tinha dança disso, dança daquilo, dança japonesa.

Entrevistado 2: católica, japonesa...

Entrevistado: Japonesa não, botei demais, italiana. Tinha os indígenas também, né? tinha os costumes deles. Aí tinha as barracas de comidas típicas... italiana de/de portuguesas... um tanto de coisa.

Entrevistador: E o quê que tinha na barraquinha de pomerano?

Entrevistado: ah tinha...

(inint 01:37:46) ((transposição de vozes))

Entrevistado: E tinha mais um estandarque lá com toda a história de cada família também tava lá pra ver como é que era como é que não era. Mas muito bonito mesmo.

Entrevistador 2: E aí parou de ter isso?

Entrevistado: Não... porque o outro prefeito... vão ver como que vai ser esse ano.

Entrevistador 2: Ah tá, vão ver se ele vai continuar, né?

Entrevistado: A coisa mais bonita também que eles fizeram...foi a secretaria de educação e cultura fez... até nós participamos... da primeira vez de quando aconteceu . O quê que é isso? É... cantos e contos, né? Então... as pessoas mais antigas... cada uma ia lá e contava uma história do passado. Igual a Milinha tá falando do passado nosso. E contava aquelas histórias cada um... começou ali. E aí tem um programa na/na/no

governo federal fala sobre isso... eles entraram nisso de cabeça. E aí começaram a fazer nas comunidades. Fizeram em (inint 01:38:54) fizeram em tudo quanto é lugar. E eu acompanhava lá com meu grupo de viola, meu grupo de viola era “amigos da viola”. E nosso grupo acompanhava sempre tudo. E aquilo foi tão longe... aquilo cresceu tanto... eu fiz tanta entrevista assim perguntando sobre o que chegava lá se aquilo era verdade mesmo. Pensava que talvez era mentira. Você acredita que veio uma mulher de São Paulo, ligada nessas coisas, saber se isso era verdade ou só é... alguma coisa que a gente tava querendo acrescentar que não era, né?... Ela veio aqui, então nós fomos lá em Palmeiras num coreto que tinha lá.. e tinha pouca gente porque choveu muito então não dava pra ir lá. Mas ela não podia deixar pra outro dia porque tinha um compromisso dela lá. Então chamou so mais os líderes das comunidades... nós fomos lá. A mulher ficou encantada. Ficou assim: “agora eu vi, é verdade” fotografou. A primeira coisa que ela viu foi nosso grupo de “amigos da viola” que tinha uma camisa com uma viola no peito, ela toda hora fotografando. Cantamos umas músicas lá pra ela. Foi tão legal. Todo mundo contando as histórias. Ela fez... era até um livro.

Entrevistador 2: Nossa que legal, que trabalho interessante, né?

Entrevistado: Muito bom mesmo.

Entrevistador: Aí o senhor tem o livro aí?

Entrevistado: Tem

Entrevistador: O senhor pode mostrar pra gente?

Entrevistado: Posso.

(inint 01:40:29) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Eu nem perguntei é... da onde vocês são.

Entrevistador 2: É... eu e ele somos de Belo Horizonte, que ele é meu pai. E ela é de Vitória. E a gente tá fazendo esse trabalho pro (inint 01:40:53) do Espírito Santo... aí tá percorrendo todas as cidades de tradição pomerana.

Entrevistado 2: Legal... ele é seu pai? Achei que era seu marido.

Entrevistador 2: Não, ele é meu pai. Ele é meu paizinho. A gente trabalha junto direto. Sempre que eu vou fazer o trabalho de campo e as vezes não tem uma equipe muito grande pra fazer... as vezes o pessoal tá ocupado em outro trabalho de campo aí ele vai comigo.

Entrevistado 2: Que bom, né?

Entrevistador 2: E ele curte, diverte. E ajuda... então...

Entrevistado: Eu sempre falo... eu num gosto que fala mal do ex prefeito não. Porque eu vim pra cá em cinqüenta e seis e até agora num tem um que fez o que ele fez.

Entrevistado 2: (inint 01:41:38)

Entrevistado: Algumas coisas que a dona Emília nos contou aqui.

Entrevistado 2: O que que eu contei?

Entrevistado: ah eu num sei. História dos “amigos da viola” aqui ó. “O grupo se formou a partir do encontro de Ernesto e João Batista Vieira. Eles juntavam para ensaiar e afinar seus violões. Sendo que depois outros músicos se agregaram a dupla e criaram um pequeno grupo de folia de reis”, que num deu certo, né? “mas esse grupo não vingou. Os integrantes tiveram a ideia de formar um segundo que se chama ‘amigos da viola’. Atualmente eles forma um grupo que é composto por dez integrantes, homens e mulheres, que semanalmente se reúnem para ensaiar. O repertório musical contempla musicas de raízes sertanejas, com o intuito de preservar a tradição campesina.”

Entrevistado 2: Aqui ó, esses dois velhos aqui ó com essa mulher aqui.. ela tem/fala muito bem.

Entrevistador: Como que é o nome?

Entrevistado 2: (inint 01:43:26)

Entrevistado: E tá aqui a história do povo.

Entrevistador 2: Pode dar uma olhada?

Entrevistado: Pode

Entrevistado 2: (inint 01:43:35)

Entrevistado: E ganharam... alem de um trofeuzinho, né? e quinze mil em dinheiro, que foi que eles mandaram confeccionar esses livros aqui de história.

(inint 01:43:57)

Entrevistador: Onde a gente consegue um livro?

Entrevistado: É pena que hoje é domingo... e é difícil encontrar esse povo, mas... isso tinha que ver com a Sônia, né?

Entrevistador: É na prefeitura?

Entrevistado: Não, mas ela num tá na prefeitura mais não... ...se não eu podia arranjar dois. Um pra você

(inint 01:44:49)

Entrevistador: É, eu sou de Vitória e ela é de Belo Horizonte.

Entrevistado 2: Mas vocês num trabalham juntas não?

Entrevistador 2: A gente trabalha juntas... o trabalho é um só, mas o que cada uma vai fazer é diferente.... ... Eu posso tirar foto? Porque aí eu tiro foto do livro.

Entrevistado: pode levar

Entrevistador 2: Pode levar pra gente?

Entrevistado: Pode levar.

Entrevistador 2: Ué, brigada.

(inint 01:45:17) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Veio uma pastora aqui , né? fazendo o período prático dela. “ah vocês tem que ir lá pra casa”. Aí um dia nós fomos, saímos daqui um dia viajamos três dias de carro. Aí chegando lá eu num tinha observado as coisas não. Eu olhei assim: esse trem tá errado aqui, o sol vem de lá? Nasce de lá? (inint 01:47:05) Aí um dia de tarde.. três horas... o sol tava lá em cima. Aí eu olhei assim, uai meu relógio tá adiantado, três horas agora. “Não aqui é assim mesmo”. Tem uma diferença de uma hora na época do verão, né?

Entrevistador 3: Onde que é?

Entrevistado: Lá no Rio Grande do Sul.

Entrevistador 2: Seu Ernesto eu queria o telefone do senhor.

Entrevistado: meu telefone fixo é três, sete, dois, cinco... o zero é vinte e sete...

Entrevistador 2: Vinte e sete a gente já pôs.

Entrevistado: onze, vinte e um.

Entrevistador 2: e o senhor tem email ou o senhor não mexe com essas coisas?

Entrevistado: Não

Entrevistador 2: Bom, seu Ernesto, eu acho que nós já azucrinamos o senhor demais, enchemos o senhor de perguntas, tamo atrasando o almoço do senhor.

Entrevistado: Olha, foi tão bom

(inint 01:47:55) ((transposição de vozes))

Entrevistador: O senhor citou Amanda e dona Cristina, será que a gente conseguiria falar com elas?

Entrevistado: A dona Amanda é difícil, porque tá tudo acamado.

Entrevistador: Já não é lúcido mais.

(inint 01:48:45) ((transposição de vozes))

Entrevistador 2: E a dona Cristina é pomerana também?

Entrevistado: É mãe do pastor Lorival... ela sabe muita coisa. Ela já é do lado alemão mesmo.

Entrevistador: Ela já não é tão pomerana mais?

Entrevistado: É também... só que ela fala mais assim... muito pro lado alemão mesmo, né, Milinha? Aí ela sabe o verdadeiro nome da minha bisavó... do Henrique Eberman. Eu consegui da Alemanha a certidão de batismo do meu bisavô, num sei onde tá. No meio de muita bagunça ali.

Entrevistador: Se a gente quiser encontrar um pomerano que até fala meio enrolado, quem que é bom de contar história?

Entrevistado: Olha, tem muita gente aí que ainda fala meio enrolado, agora eu num sei se sabe contar história. Porque sempre tem umas diferença assim...

Entrevistado 2: Agora dona Cristina tem muita coisa

Entrevistado: Ela tem... muita/muita

Entrevistado 2: num sei se ela tá me casa hoje

Entrevistado: a gente tem um livro aqui... é “descobrindo raízes” foi escrito pelo pastor...

Entrevistador 2: Ah sei qual que é... aquele de capa azul

Entrevistado: muito interessante... vez enquanto eu pego e dou uma lida

(inint 01:50:00)

Entrevistado: Agora eu tô com quatro menina... aí entrou uma menino também lá na igreja com o violão

Entrevistador 2: Aí é o senhor que coordena eles?

Entrevistado: Eu to lá ajudando, embora que eu num sei música... elas já aprenderam bem. Mas se elas pararem ali num pode parar.

(inint 01:51:27) ((transposição de vozes))

Entrevistado: aí eu falei: eu ninguém pode me chamar de branquelo nem de crioulo, porque eu tenho sangue de três raças. “como? Isso num existe”. Eu falei meu avô era alemão, minha avó era pomerana, e eu num conheci meu pai... era da origem africana. Então são três raças de gente, uma mistura de três.

Entrevistador 3: então o senhor era brasileiro legítimo, né? dele só faltou o índio pra acabar de completar, né (risos) (inint 02:04:33)

Entrevistado: Chega lá elas vão falar: passamos na casa de dois velos bobos.

Entrevistador 2: Seu Ernesto, então a gente vai lá então? O senhor leva a gente lá?

Entrevistado 2: vocês tão andando a pé?

Entrevistador 2: A gente deixou o carro lá praça

Entrevistado 2: Ah mais aqui pra ir lá é rapidinho.

((conversas simultâneas))

58:00